

## **Do Podcast Antropofágico ao Pós-podcast: Uma cartografia Rizomática a partir do “Podcasting Macunaíma”<sup>1</sup>**

Luan Correia Cunha SANTOS<sup>2</sup>

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, São Leopoldo, RS

### **RESUMO**

O presente estudo busca discutir o processo de produção do “Podcasting Macunaíma”, analisando seu percurso cartográfico de criação de um podcast antropofágico. Reconstituindo alguns passos da criação do produto, uma adaptação da obra de Mário de Andrade (Macunaíma, herói sem nenhum caráter), a pesquisa se volta para materialidades fragmentárias e descentralizadas nos estudos e discussões sobre podcast, para tensionar os parâmetros epistemológicos em que a “categoria” se insere. Desta forma, ao propor um formato antropofágico para a adaptação, focaliza estudar produções alternativas que se beneficiam de um cenário podcasting para construir uma crítica as normatizações sonoras vigentes na podosfera.

**PALAVRAS-CHAVE:** podcast; Antropofagia; Pós-podcast; Cartografia; Sonoridades.

### **Introdução**

Quando lançado em 2019, o “Podcasting Macunaíma” tinha algumas pretensões teórico-metodológicas para além da explícita adaptação da obra de Mário de Andrade, “Macunaíma: Herói sem nenhum carácter”, para o formato híbrido do podcast (SANTOS, 2020; 2022). A obra, e toda a sua discussão teórica, é baseada na proposta de atualizar características antropofágicas, cunhadas pelos modernistas Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, na década de 1920, para formatos contemporâneos. Os principais traços antropofágicos, tais como: constante consumo de identidades, primitivismos, hibridismos e exaltação do nacional (SANTOS, et. Al, 2018), foram trabalhados de maneira a constituir a estética da narrativa sonora. Embora o projeto se volte para adaptação da obra,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP 27 Rádio e Mídia Sonora, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando em Ciências da Comunicação, pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professor do Curso de Comunicação Social – jornalismo da Universidade Federal de Roraima - UFRR, e-mail: luanjack@gmail.com.

---

o texto em si, não fora alterado. Toda a sua construção é baseada no original de Mário de Andrade.

Mesmo assim, se propõe a pensar a construção de subjetividades e atualizações da antropofagia para outros formatos possíveis. Essa proposta está baseada na discussão estética do podcast. O que buscamos com este estudo é desenhar uma cartografia rizomática, a partir da criação de constelações de sentidos, a respeito do material sonoro explorado na produção do podcast e com isso, traçar caminhos para tensionar a própria categoria “podcast”, a partir de suas múltiplas possibilidades de materialidade.

### **Cartografias Rizomáticas: Busca por fragmentos sonoros**

Tomamos como guia metodológico para a construção das constelações estéticas das materialidades sonoras do podcast, o conceito de flâner, pensado por Walter Benjamin. Segundo o autor, o Flâneur, é um sujeito que observa as cidades, que recolhe materialidades da modernidade, vestígios em busca de pistas que o ajudem a relatar a vida urbana. É pautado pela busca de sentidos que se apresenta como um quebra-cabeças, nos detalhes que comunicam criações alegóricas, em busca de outros significados ou e busca daquilo que fora esquecido (CANEVACCI, 1998).

De alguma forma, o Flâneur, é aquele que está atrás de pistas, resíduos, destroços e restos. A sujeira da cidade grande que pode oferecer pistas sobre a maneira como os sujeitos se colocam nela, vivenciando-a. Neste sentido, estamos interessados não por aquilo que salta aos olhos, mas por aquilo que se enconde por debaixo dos tapetes. Estamos olhando para os destroços e para objetos que não tem centralidade dentro dos estudos de comunicação, mas pensando como estes resquícios podem ajudar a compreender a constituição de subjetividades e estéticas antropofágicas que moldam o objeto de estudo (CANEVACCI, 1998).

Nossa cartografia rizomática tem como inspiração estudos de Deleuze e Guattari (1995) capaz de problematizar o caminho da pesquisa no processo de cartografar as etapas constituintes da viagem, as situações encontradas e propostas teóricas e práticas percorridas. O método se vale da concepção de mapa em aberto que segue a partir da experiência do pesquisador sobre um território, tateando sobre as opacidades (AGUIAR, 2008; SANTOS 2020; ROLNIK 1987), e acompanha as transformações tanto da antropofagia quanto do podcast em seus processos de transformação, a medida que se é

---

produzida a atualização de ambos. Não buscando, nesse trabalho representar ou criar um caminho definitivo entre elas, mas sim repensar conceitos fixos e imutáveis destes campos de conhecimento e abrir possibilidades de se construir conexões entre os campos propostos.

Ainda sim, para tecer essa cartografia, foi necessário tatear, no platô de conhecimentos sobre a linguagem sonora, pontos conectáveis, para que a atualização pudesse se sustentar. Tivemos de partir da linguagem sonora e suas características, assim como estudos historiográficos do podcast, para pensar os traços antropofágicos, que por sua vez, nos fazem questionar a própria categoria “podcast”.

Pensando as materialidades da comunicação, podemos dizer que elas nos ajudam a ultrapassar as análises dos textos comunicacionais, e voltarmos a nossa atenção para o seu sentido estético-material, abrindo assim uma série de possibilidades, tais como, compreender a história dos corpos comunicacionais, e como estes nos revelam a constituição dos objetos que estudamos (PEREIRA DE SÁ, 2018).

Essa proposta de abordagem é interessante quando olhamos para um objeto como “podcasting macunaíma”, uma vez que este tem seu texto centrado no original de Mário de Andrade, de 1922. No aspecto meramente textual, não encontramos atualizações e nem adaptações. Essas possibilidades comunicacionais só são encaradas quando passamos a observar a materialidade do podcast e sua constituição estética. E é nessa constituição estética que se apresenta uma proposta antropofágica. É a partir de então que nos permitimos questionar: Como as materialidades do objeto “podcasting Macunaíma” evidenciam atualizações das estéticas antropofágicas por meio da adaptação da obra?

Podemos compreender atualização como um movimento de trânsito entre um elemento do seu modo virtual para o modo atual. Desta forma ele passa a ser aquilo que se materializa, que ganha forma no mundo. E tudo o que pode ser materializado, pode ser encontrado em seu estado virtual (BERGSON, 1999).

Segundo Deleuze (1999), esse processo de atualização passa por acessar o objeto de estudo em seu estado virtual –enquanto algo passível de ser colocado em prática, mas que só se expressa em campo teórico, para o ponto em que o autor denomina de “viravolta”, em que ocorre a inflexão do objeto, que transita entre o virtual e o atual –seu estado materializado.

Tratar de uma atualização é falar sobre trânsito, não pensar o ser, mas o estar. Dar ênfase nas temporalidades expressas neste processo. O próprio conceito de atualização e

---

virtualidade, estudados por Bergson (1999) perpassa por dois fatores: duração e espaço. Ao primeiro, o autor refere-se através do termo multiplicidade virtual, através da qual as coisas se distinguem entre si por natureza e relação as demais. As diferenças de natureza são justamente aquelas que dão conta de tratar o que difere um objeto de outro, bem como suas alterações, por isso está ligada a questão de duração. É a partir do passado e seu posicionamento temporal que as virtualidades estão armazenadas, este passado que podemos chamar de memória, que está sempre em vias de ser atualizado. Esse processo ocorre com base na diferenciação, pois é onde podemos perceber as diferenças de natureza temporais de um objeto.

O virtual é sempre um passado estabelecido a partir de sua relação com o presente, com enorme potencial de atualização a qualquer momento e que, nesse processo, pode-se unir a outras virtualidades. É como Bergson (1999) define o conceito de devires, a potencialidade de atualização que está presente em todas as coisas, a capacidade de se modificar e diferenciar de um passado, deixando de ser o que era, mas ao mesmo tempo preservando algo de sua origem.

Um dos observáveis a partir da constituição do podcast é que pensar antropofagia como metodologia para construção de podcast problematiza as estruturas de um modelo importado para produções sonoras. Qual o padrão estético sonoro hoje vigente na podosfera? A estética antropofágica, nesse sentido, traz uma perspectiva para se pensar experiências metodológicas na produção de comunicações sonoras subversivas as normatizações, além de expandir o âmbito das discussões sobre podcast no campo comunicacional.

Para criar um podcast antropofágico foi necessário compreender conceitos ligados a sensorialidade e a forma como ela emite significados e sensações através do sentido da audição. Esta é constituída a partir das matrizes da linguagem sonora e refere-se à forma como o emprego de determinadas técnicas no processo de elaboração de mensagens auditivas acarreta em mudanças na percepção dos indivíduos. Pensando as estéticas e materialidades, elencamos algumas constelações que foram identificadas no processo de constituição do desenho rizomático, em busca de constituir os sentidos e subjetividades contemporâneas que o podcast possibilita. São eles: Primitivismo; Os textos transversais; Tropicália e Antropofagia e; O estrangeiro.

Vale ressaltar que, assim como propõe nossa metodologia, o desenho cartográfico rizomático pode se partir, reconectar, ramificar e se recombinar em infinitas

---

possibilidades. Tal como a antropofagia, constituinte do objeto de estudo, não delimitamos uma produção fechada em si, mas aberta a múltiplas interpretações, outros flâneurs, capaz de perceber subjetividades aqui não elencadas, e agrupar novos conjuntos de sentidos, desvendando outros modos de ser, fazer e pesquisar o podcast, enquanto este objeto comunicacional híbrido.

O presente estudo é também um convite que possibilita propor outros campos de análise da linguagem podcast, a partir da atenção metodológica para as estéticas e materialidades da comunicação, enquanto constituintes de subjetividades e significados culturais e sociais.

### **Adesão ao Primitivismo**

O primeiro passo para aderir ao primitivismo na adaptação foi dar centralidade às músicas, compreendendo estas quase como um personagem complementar da história. Ela tem seus momentos de protagonismo, espaços de vazio, em que sai de cena, momentos de interação com outros personagens e por si só, em sua complexidade de arranjo e forma, consegue trazer narrativas paralelas ao enredo de Macunaíma.

Podemos problematizar, como a música, uma composição tão complexa, pode ser considerada como elemento primitivo em um podcast? Tomamos a matriz sonora composta por música, efeitos sonoros e voz. A voz, por se tratar de uma linguagem única, em um idioma específico e tratar de diversas significações exige grande exercício de capacidade cognitiva (CARVALHO, 2007). Este precisa estar conectado com a história, com a fala em um processo ativo de decodificação dos fonemas pronunciados. Se alguém que não domina a língua portuguesa falada no Brasil, por exemplo, for escutar um podcast brasileiro, não conseguirá entender o contexto, a história.

Os efeitos sonoros, por sua vez, na maioria das produções sonoras convencionais no ocidente buscam “representar uma realidade”. Ser fiel ao som de algum objeto ou pessoa. Exige do ouvinte também um processo ativo de decodificação, a partir de uma convenção sobre o que pode ser considerado real. E, ainda que não façamos usos convencionais de efeitos sonoros que buscam representar, as construções plásticas de outra narrativa sonora a partir do uso de efeitos, exige um “acordo silencioso” entre produtor e ouvinte (CARVALHO, 2007).

---

A música, por mais que convide à múltiplas conexões e decodificações, assim o faz de maneira mais primitiva, ao tratar de sensações e emoções. A música é capaz de despertar sensações no processo de construir subjetividades nos sujeitos. A centralidade da música no podcast é dada, pois é partir das sensações que serão evocados os sentimentos e posteriormente, a racionalização. Ela é o elemento mediador de todo o constante consumo de diversos elementos que a ela se juntaram. Destes arranjos, mediados por ela, se construirá algo diferente. Assim, a cada ouvinte, a cada nova escuta, uma outra evocação de subjetividades e múltiplas construções de sentido são potencializadas.

Sobre o projeto de adaptação de Macunaíma, nossa contribuição neste aspecto é a composição de músicas e a forma como estas são reorganizadas de uma maneira subversiva, inédita e a forma como irá se compor junto da narrativa de Mário de Andrade.

Tratando-se de uma linguagem híbrida (podcast), somente atualizar os traços antropofágicos para a linguagem sonora não nos capacitaria para atualizar as virtualidades de um podcast, especialmente depois de traçar sua genealogia. Poderíamos ter construído um audiobook, uma rádio novela, ou qualquer outro produto de áudio que não fosse um podcast.

Nesta pesquisa, tomamos a perspectiva de que podcast se dá na construção de personalidades interessantes. Essa construção normalmente é feita no relato oral, em um contar de uma história, ou até mesmo em uma característica da voz. Neste ponto, buscamos imprimir personalidades ao projeto de uma maneira subjetiva. Os arranjos estéticos evocados a partir de nossas subjetividades entram em contato com a construção de sentido do ouvinte. Estamos assim, em uma relação de intimidade para além daquilo que as palavras podem moldar. É uma intimidade estética.

Assim, damos continuidade a características da internet presentes no podcast, como é o caso da intimidade (representada pelo contato com a audiência) e a impressão de personalidades (personalização), porém atualizando esse traço e propondo que esta pode ser colocada de múltiplas formas (YOSHIMOTO, 2014). O uso da música como elemento central na construção de um podcast é uma característica capaz de multiplicar ainda mais as potencialidades desta linguagem, especialmente quando falamos sobre uma adaptação de uma obra literária.

Que música usamos e que subjetividades foram evocadas em suas construções? O podcast é aberto pela música de David & Steve Gordon, “Prayer for the four Direction”,

---

uma música xamânica norte americana, que começa com sons da natureza florestal e de pássaros, até passar para o toque de um tambor. É nesse momento que entra o narrador introduzindo o herói. A voz suave e arrastada oferece à música a centralidade da peça desde o primeiro momento. A narrativa segue com esse BG enquanto introduz as histórias de infância do personagem principal de forma rápida, dando agilidade a abertura da série. São inseridas então tambores adicionais e chocalhos de músicas e áudios específicos de comunidades indígenas brasileiras.

### **Os Textos Transversais**

É introduzida a obra modernista de Camargo Guarnieri, com “Dança Selvagem”, que irá compor a estética sonora da segunda passagem do primeiro episódio. O tango eletrônico da banda Bajofondo intitulado de “Zitarrosa” faz o trânsito entre as aventuras do herói na infância e a apresentação de sua personalidade maliciosa, nas primeiras cenas com a cunhada Sofará. A transição entre Camargo Guarnieri e Bajofondo acontece antes da narração das interações entre Macunaíma e Sofará, de maneira a possibilitar a construção de um cenário psicológico à partir da estética sonora.

A transição começa a inserir os constantes movimentos antropofágicos dentro do próprio podcast, uma vez que é a primeira música de característica eletrônica da narrativa, reforçando a apresentação de uma nova característica de personalidade de Macunaíma e apontando para o dinamismo estético do podcast, sempre em constantes movimentos de devorar várias influências musicais.

O tango enquanto ritmo musical e modalidade de dança é representado por caminhadas, tendo em sua estética evocações de movimentos. O instrumental de “Diferente” do grupo Gotan Project é mixado na passagem em que Macunaíma foge do curupira e depois em sua interação com Cotia. É uma passagem de muitos deslocamentos físicos e corridas na floresta. No conjunto do podcast, o ritmo é empregado para dar ritmo aos diálogos e para indicar o constante movimento de transformação que o projeto vai adquirindo.

No retorno do herói à tribo dos Tapanhumas, Camargo Guarnieri com “Dança Negra” compõem a estética sonora da caçada, que acaba com a morte acidental da própria mãe de Macunaíma. O silêncio então é empregado como forma de tornar a passagem mais suave e com múltiplas possibilidades de construção de sentido por parte do ouvinte.

---

Escolher determinadas trilhas poderiam sobrecarregar o trecho e limitar suas subjetivações.

Neste primeiro episódio há muitas músicas de óperas e orquestras, especialmente nas passagens no mato-virgem. Mesclando assim uma experiência “primitiva” com o “erudito e sofisticado” importando, segundo o pensamento eurocêntrico, e em alguns casos adaptado às terras e narrativas brasileiras. O sentido de movimento tem sua continuidade e ele encerra o capítulo com a música de Cartola “Preciso me encontrar”. É seu instrumental que marca com maior densidade o ingresso de Macunaíma na vida adulta, representado pela morte de sua mãe.

Outro efeito sonoro colocado no podcast e que nos permite múltiplas construções de sentido, é o barulho de um trem, na passagem em que a Índia Tapanhumas leva Macunaíma para o coberto vazio. O som da fumaça e buzina do trem podem indicar o trânsito entre lugares, mas também a passagem do herói deixando sua infância.

O segundo episódio do podcast nos possibilitou explorar os textos transversais, tão característicos do próprio movimento literário antropofágico, em que há uma referência, ainda que subjetiva, ao estrangeiro. Referência essa que ocorre de maneira estética. Na passagem que relata a aproximação de Macunaíma com Ci, mãe do mato, há uma denúncia a violência contra a mulher, a partir da estética sonora utilizada na constituição do podcast, uma vez que para a passagem utilizamos a música “Maria da Vila Matilde” de Elza Soares. Desta forma, sem alterar o texto de Mário de Andrade, conseguimos falar de um tema tão atual e importante e fazer uma denúncia de maneira estética, possibilitando aos ouvintes múltiplas construções de sentido.

Podcasting Macunaíma fala sobre violência contra a mulher, machismo, falocentrismo, racismo sem que essas palavras sejam pronunciadas e mesmo que (talvez) a obra original também não trate tais temáticas com a mesma perspectiva de denúncia. Enquanto o narrador diz que o herói brincou com a mãe do mato, a composição de Elza Soares expõe a violência contra as mulheres. Relaciona-se então o texto de Elza Soares com Mário de Andrade, em um movimento de instigar o ouvinte, e a partir dele o convida para um exercício crítico sobre a obra.

O contato de Macunaíma com a cidade de São Paulo e a cultura urbana começa a aparecer no início do episódio três. Nos trechos iniciais foram utilizadas duas versões da música de Dorival Caymmi “Retirantes”, sendo a original produzida para a novela Escrava Isaura da rede Globo de Televisão e uma outra versão mais recente de Skafandros



Orkestra, que possui o mesmo título. A música faz referência aos retirantes nordestinos e as dificuldades que enfrentam ao chegar no meio urbano, especialmente por conta de questões financeiras e de racismos estruturais. Esta dificuldade se apresenta na rapsódia. O herói vê suas riquezas naturais desvalorizadas pelas moedas locais em formato de papel. É obrigado a sobreviver com pouco e com dificuldades pela primeira vez. As diferenças também estão exaltadas quando Macunaíma tem contato com as máquinas paulistas.

“Não existe amor em SP” é a frase que abre a passagem do cantor Criolo na série. A música fala sobre a frieza da cidade, e de suas construções cinzentas. Depois do primeiro verso, o restante da canção é mixada apenas com o seu instrumental e ajudam a acionar sentidos de solidão e deslocamento dos irmãos em local novo. A composição de Criolo coloca a estética do podcast em um tom mais sóbrio, e transmitindo através de sua identidade, sensações do herói que não são narradas. Neste momento os ouvintes são convidados a sentir junto, participando da narrativa. Esta é outra característica do podcast que é colocada em atualização através de uma estética antropofágica - a imersão.

Os racismos também são elementos transversais no texto (assim como os machismos) que aparecem nas primeiras cenas do terceiro episódio. Nesta passagem, os irmãos encontram um lago mágico e Macunaíma, ao se banhar nele, transforma-se em um homem branco, deixando sua negritude nas águas, como se ela fosse uma sujeira indesejável. Ao ver o “milagre”, os irmãos correm para fazer o mesmo, mas sem tanto sucesso, pois a água já estava “suja”. Na estética sonora esta vontade de não ser negro e de enxergar a negritude como algo negativo é construída com a passagem de Elza Soares na música “A carne”: “Vou pedir para Santa Clara para clarear”.

## **Tropicalismos**

Na passagem “Quem que secundou?”, a primeira interação entre Macunaíma, seu irmão Manaape e o gigante Venceslau Pietro Pietra, os “Olhos Coloridos” de Sandra de Sá se misturam com o instrumental da francesa Zaz com a música “Je Veux”. Uma vez que o episódio é intitulado a “Francesa e o Gigante”, é nele que a estética de músicas estrangeiras começa a se mesclar com as estéticas sonoras brasileiras, ainda que de maneira básica. Uma dá espaço para a outra, e ambas se alternam nesse local de interação, indicando movimentos, tensões e disputas de influência em um território simbólico que

---

são as próprias passagens do podcast. Essa interação estética permite dar dinamismo à passagem ao mesmo tempo que por si só se constitui em uma transculturação antropofágica iniciada, e que nos episódios futuros ganhará centralidade.

O capítulo “Macumba” foi pensado a partir da estética de um ritual religioso dentro dele mesmo, assumindo e consumindo traços antropofágicos. Ele é aberto com a música de Martinho da Vila “Festa de Umbanda”. Mário de Andrade, neste capítulo, descreve a sua versão de um ritual de candomblé, e para constituir a sua estética, músicas genuínas da religião de matriz africana foram incorporadas buscando dar sentido às passagens. Entre elas “Toque de Atabaque” do Olodum, “Abertura de Exu” retirada do site de compartilhamento de vídeos, o Youtube, no canal “cigana5” e “Exu veludo” do Templo Umbandista a Caminho da Luz, e é finalizado com “Candomblé Ketur” do canal “Canal Candomblébrasil”.

O episódio “Cartas para Icamiabas” marca uma importante passagem do texto de Macunaíma. É onde a assimilação do personagem a aspectos culturais paulistas, linguagem erudita, a herança europeia é posta com maior intensidade, chegando inclusive ao ponto de Macunaíma escrever uma carta para as Icamiabas, que muito provavelmente nunca irão recebê-la e, mesmo que a recebam, não irão lê-la. A sua existência, no entanto, se justifica na própria possibilidade de ser. O fato do herói conseguir e se propor a escrever através de uma linguagem erudita já aponta a forte presença do outro nos movimentos de transculturação do personagem.

Ainda que esta passagem e a linguagem sejam usadas para marcar diferenças culturais. A carta de Macunaíma diz respeito justamente aos aspectos que diferem o matovirgem da capital paulista. Ele ainda narra suas histórias e vivências em um tom fantástico, como se estivesse descrevendo um lugar mágico, cheio que criaturas encantadas. Neste aspecto, o relato da urbanidade se assemelha às narrativas que eram construídas pelos autores do Romantismo sobre a natureza, o Brasil, a Amazônia e os indígenas (CARVALHO, 2009). O tom de deslumbramento e encantamento agora não é mais protagonizado pelo europeu ou brasileiro urbano que se desloca para a floresta, mas sim do indígena que viaja à cidade.

Este trecho do podcast, diferente dos demais, é narrado por Macunaíma e não pelo narrador, recurso que fora utilizado para marcar a diferença textual proposta por Mário de Andrade, mas também para demarcar os processos de dinamismo linguístico de Macunaíma diante do contato. Em uma ordem estética, a passagem também reforça a

ausência do narrador, desnaturalizando sua presença. O silêncio do narrador nesse momento possibilita uma maior percepção dele no retorno, o incorporando de forma mais definitiva como um personagem adicional da adaptação.

O episódio seis “A velha Ceiuci” marca na narrativa um importante passo dentro do movimento antropofágico expresso no podcast, pois é nele que os elementos estéticos internos, externos, estrangeiros, nacionais e híbridos começam a ser apresentados de maneira híbrida.

A primeira evocação desses movimentos é na abertura do episódio, em que começamos com a música “Toada e Desafio” do Quinteto Armorial, uma música de toada, mas que logo começa a ser remixada junto com influências estrangeiras, e ganha as batidas de “Mine” música de Beyoncé com o rapper Drake. A mixagem de ambas nos oferece algo diferente, uma espécie de “toada hip-hop” com influência de tambores africanos (uma vez que “Mine” também é uma música que converge outros estilos em si). O resultado não é “Toada e Desafio” nem “Mine”, mas sim um produto híbrido e único que dá uma característica própria ao projeto.

“A velha Ceiuci” também marca uma mudança nos modos de produção. Se até o episódio anterior, a edição do podcast era guiada por seu conteúdo, e a narrativa ditava as escolhas de trilha, a partir deste começamos a compor primeiro as músicas no processo de edição. As faixas foram escolhidas e mixadas antes mesmo que os áudios de narração tivessem sido incorporados ao projeto. A edição das vozes dos diálogos, também dão espaço à plasticidade através de ecos, mudanças de tom, de velocidade e de timbre. Sobreposições compõem alguns efeitos que são usados durante o BG “Bigger” de Beyoncé.

O episódio sete do Podcasting Macunaíma pode ser dividido em duas partes. Na primeira, são contados os últimos casos do herói em São Paulo, as músicas do movimento cultural dos anos de 1960, a tropicália, são o foco estético do projeto. Estão presentes “Alegria Alegria” de Caetano Veloso, que abre o episódio em uma versão instrumental e que logo se funde com o instrumental de “Drive” de Miley Cyrus, seguindo a composição estética adotada no episódio seis, ainda que elemento central seja a canção brasileira. “Panis et Circenses” de Os Mutantes e “Domingo no Parque” de Gilberto Gil também são construções tropicalistas presentes no podcast.

A primeira parte do episódio também caminha para um movimento de maior centralidade na personalidade do narrador. Se no primeiro episódio, a voz e a entonação

do narrador eram quase uniformes e em alguns pontos propositalmente monótonas (como um quadro bege pronto para ser pintado), nos últimos episódios da série esse quadro ganha cores, a entonação passa a ser livre e traços da personalidade do narrador são mais perceptíveis através da estética de sua voz.

### **Entre-lugar: Algumas Considerações**

O processo de adaptação de uma obra literária para a linguagem sonora possibilitou aos pesquisadores e aos participantes convidados maior apreciação em torno de sua temática, bem como os próprios movimentos artísticos literários aos quais esta se relaciona. Quem adapta “Macunaíma”, não apenas precisa conhecer seu texto, mas seus contextos, seus mitos, entornos e enlaces, possibilitando assim intercâmbio fundamental entre as ciências literárias e comunicacionais.

Adaptar e atualizar Macunaíma e o movimento artístico-literário da antropofagia para novas linguagens emergentes permite que se valorize uma importante linha da vanguarda brasileira que auxiliou na instalação de um pensamento decolonial brasileiro diante da matriz cultural europeia. O podcast, como uma linguagem emergente que tem se popularizado cada vez mais tem grandes potencialidades nos processos pedagógicos e que pode incluir múltiplas estéticas na socialização de produções literárias brasileiras, contribuindo para a produção de subjetividades, ampliação do senso crítico e inclusão de sujeitos.

A escolha do podcast como meio para a execução da adaptação é devido a sua facilidade de produção, circulação, além das características de seus sujeitos protagonistas. Trabalhar a adaptação apenas na linguagem sonora daria à possibilidade de veicular a produção em uma rádio. Entretanto, não é tão exequível a personalização no consumo, devido a pouca flexibilidade em relação ao horário do ouvinte, não permitindo reprises e pausas. No podcast, o “horário nobre” quem faz é o usuário, assim como as condições e o tempo de consumo. Tendo como suporte a internet, o alcance da produção rompe barreiras geográficas que a transmissão de rádio acarretaria, podendo assim alcançar usuários interessados em qualquer localidade com acesso ao ciberespaço. Além disso, o podcast possibilita subverter lógicas mercadológicas do rádio que por vezes podem ser excludentes, especialmente se considerarmos seus grupos de produtores. A podosfera se configura como um espaço de maior protagonismo amador do que os espaços

convencionais do rádio. No caso desse projeto, o podcast permite também que pessoas com deficiência visual tenham acesso a obra literária de Mário de Andrade.

A série completa Podcasting Macunaíma pode ser encontrada nas principais plataformas de podcast no Brasil (Spotify, Deezer, Soundcloud, Youtube) e está acessível para qualquer sujeito com acesso a internet. Desta forma, esperamos que nosso projeto contribua para a disseminação desta importante obra brasileira, tanto por sua estética antropofágica quanto por sua pluralidade.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Lisiane Machado. Cartografia: Deriva Metodológica. In: MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Orgs.). Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2008.

BERGSON, Henri. Matéria e memória: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CANEVACCI, Massimo. Cidade Polifônica. 1. ed. Studio Nobel, 1998.

CARVALHO, F. de A. de. Makunaima/Makunaíma antes de Macunaíma. Revista Crioula, n. 5. Niterói, n.p., jan./maio 2009. Disponível em: <http://revistas.usp.br/crioula/article/view/54943>.

CARVALHO, M. A Trilha Sonora do Cinema: Proposta para um “ouvir” analítico. Caligrama: Revista de Estudos Revista e Pesquisa em Linguagem e Mídia, São Paulo, v. 3, n. 1, n.p., jan./abr. 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/caligrama/article/download/65388/67992>.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. Mil Platôs. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles. Bergsionismo. São Paulo: Editora 34, 1999.

PEREIRA DE SÁ, Simone. Cultura material, gostos e afetos para além da noção de presença. In: MENDONÇA, C, DUARTE, E., CARDOSO FILHO, J. Comunicação e Sensibilidade: Pistas Metodológicas. Belo Horizonte. PPGCO/UFMG; 2016.

ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental da América: produção do desejo na era da cultura industrial. 250f. Tese. (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (1987).

SANTIAGO, S. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: SANTIAGO, S. (org.). Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre a dependência cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 9-26.

---

SANTOS, Luan Correia Cunha. A estética da podosfera brasileira: Os devires e atualizações de uma comunidade sensível. In: Revista Iniciacom: Revista Brasileira de Iniciação Científica. Vol. 09. Nº 3. Intercom: Boa Vista. 2020.

SANTOS, Luan Correia Cunha. ARAÚJO, Bryan Chrystian da Costa. LIMA, Ariene dos Santos et al. Podcast Antropofágico: uma proposta metodológica para produções sonoras em comunicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41, 2018, Joinville. Anais[...]. Joinville: Intercom, 2018.

SCHAWARZ, R. Que horas são? Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 39-48.

VOGLER, C. A Jornada do escritor: estrutura mítica para escritores. 1. ed. São Paulo: Editora Aleph, 2015.